

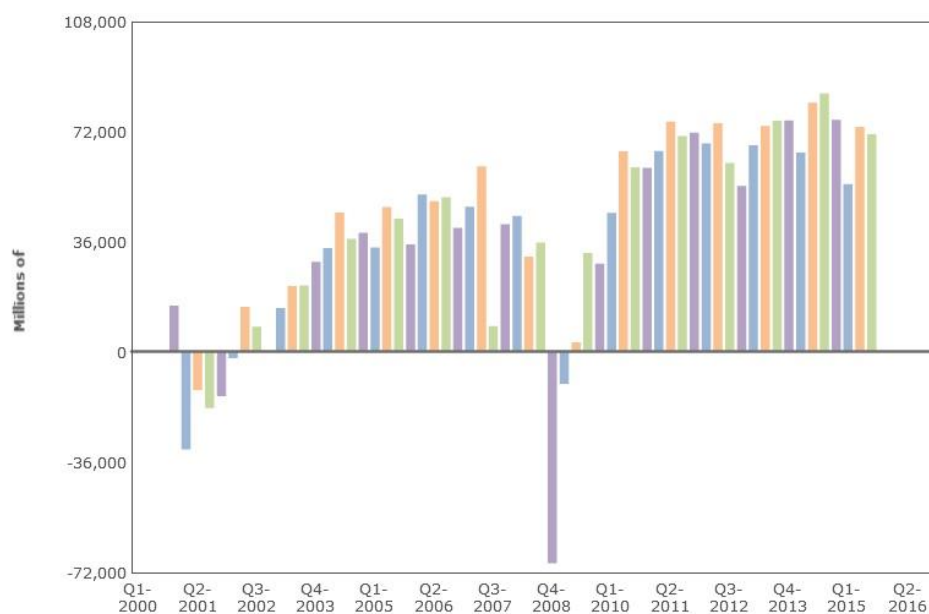
Núcleo de Educação Popular 13 de Maio - São Paulo, SP
CRÍTICA SEMANAL DA ECONOMIA

EDIÇÃO 1284 – Ano 29; 4ª Semana Fevereiro 2016.

Breaking Bad (Temp. 1 Ep. 3) **Nas entranhas do ciclo industrial dos EUA** JOSÉ MARTINS.

O desenlace do atual ciclo periódico de expansão depende diretamente do que acontece na economia dos Estados Unidos. Neste momento, o mercado mundial continua se sustentando em uma vigorosa fase de expansão da produção industrial daquela economia reguladora da dinâmica global do capital. Há muita gente a beira do precipício, como os malfadados Brics – Brasil, Rússia, Índia, China, South Africa. Só não mergulham de vez porque a produção industrial nos EUA continua muitíssimo viva. O problema é saber até quando ela continuará bombando e segurando o resto do mundo. Somos necrologistas do capital. Caçadores experientes de pontos de fratura do capital. Desde, pelo menos, a “primeira crise do petróleo”, meados dos anos 1970. E a grande regra de um bom caçador, como se aprende depois de tanto tempo de estrada, é manter a calma na hora em que mais um poderoso choque se aproxima. Não inventar coisas que não existem. Ver os fatos como eles são. Vejamos então alguns números altamente ilustrativos deste instigante processo.

EUA: Lucros Operacionais da Indústria de Bens de Consumo Duráveis



Fonte: US Census Bureau – Quarterly Financial Report, December 21, 2015

Primeira e geral impressão de quem adentra ao laboratório secreto da produção da mãe pátria do capitalismo. Não se manifesta, por enquanto, qualquer indício de

enfraquecimento e quebra desta poderosa máquina de produção de mais-valia (lucro). O que se constata na radiografia do capital acima é que nunca se produziu tanto capital como no atual ciclo econômico, iniciado sete anos atrás, milimetricamente localizado no 2º trimestre de 2009. Embora não interesse nem um pouco aos economistas, nada é mais importante para se verificar a dinâmica econômica real do regime capitalista que a produção de lucro. O fato é que esses dados acima radiografados desmentem totalmente os economistas (liberais, keynesianos ou “marxistas”) para os quais a crise se prolonga desde 2008 ou, na melhor das hipóteses, que houve apenas uma “recuperação pífia”. Para quem já aboliu há muito tempo a lei do valor trabalho não é difícil abolir agora a superprodução de capital nos ciclos econômicos. Em particular aos “marxistas”, que de maneira explícita ou envergonhada idealizam um “longo declínio do capitalismo”, “crise estrutural”, “crise permanente”, “estagnação secular” e outras asneiras.

Confrontando-se a essas vulgaridades econômicas, o que se verifica na radiografia acima é uma perfeita ondulação cíclica, com fases de abruptas quedas (2001/2002 e 2008/2009) e de forte expansão dos lucros (2003/2007 e 2009/2015). Na crise de 2001/2002 o desabamento na indústria de bens duráveis dos EUA se inicia no primeiro trimestre de 2000 (- US\$ 31,597 bilhões), prolongando-se pelos quatro trimestres seguintes. A recuperação inicia-se precisamente no 2º trimestre de 2002, prolongando-se até o 3º trimestre de 2008. O último desabamento inicia-se abruptamente no 4º trimestre de 2008, com uma paulada bem mais potente (- US\$ 68,822 bilhões) que no choque anterior do início da década. Mas foi um choque mais concentrado. Durou apenas dois trimestres, iniciando-se a recuperação no 2º trimestre de 2009.

Depois de 2009, assiste-se um longo e potente período de expansão, talvez o mais forte do pós-guerra. Acumulação fantástica de lucro. Sem interrupção. A média dos lucros anuais da última fase (2009/2015) foi 47% acima da média dos lucros da fase anterior (2003/2007). É isso que caracteriza uma superprodução de capital, tal como descrito minuciosamente por Marx e Engels, que os “marxistas” do século 21 tentam abolir com seu keynesianismo bastardo.

Esperamos que essa superprodução se reforce por muitos trimestres mais. Que potencialize um choque bem mais potente que em 2008/2009. Que se geste uma decisiva fratura do capital. Uma coisa ruim que quanto mais avança pior fica. O que vai decidir esse *breaking point* será a taxa média de lucro da indústria de bens duráveis dos EUA. Conforme dados mais recentes do *US Bureau of Census*, a **taxa de lucro operacional** desta estratégica indústria apresentou nos trimestres mais recentes uma discretíssima tendência à queda, da seguinte forma:

3º T 2014: 9,21%

4º T 2014: 8,28%

1º T 2015: 6,03%

2º T 2015: 8,07 %

3º T 2015: 7,62 %

Essas taxas são suficientes para caracterizar efetivamente a aproximação do inevitável *breaking point* do ciclo? Nem um pouco. Como dissemos no início deste boletim, macaco velho não mete a mão em cubuca. Muita calma nesta hora. Essa tênue tendência pode ser um indicativo, só que tem que ser analisada em conjunto com outras partículas elementares da indústria reguladora do sistema, como produtividade, salários, preços, produção, etc. É exatamente isso que estaremos fazendo a seguir.